

O OLHAR DISCIPLINADOR NAS NOTÍCIAS *ONLINE*: UM ENFOQUE ARGUMENTATIVO

Renata PALUMBO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)
Complexo Educacional FMU, FIAM, FAAM
rpalumbo_07@ig.com.br

RESUMO: Neste artigo, analisamos as categorias discursivo-argumentativas apresentadas em notícias *online* dos jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo. Seleccionamos, especificamente, as relacionadas às mediações feitas pelo governo brasileiro no acordo nuclear iraniano, ocorridas no primeiro semestre de 2010. Utilizamos como fundamentação teórica: estudos sobre argumentação (Perelman e Olbrechts-Tyteca, [1958] 2002), investigações a respeito dos discursos na mídia (Hall, 1997, 2003; Ferrari, 2004, entre outros), reflexões que versam sobre a relação discurso e poder (Foucault, [1971] 2007) e multimodalidade (Kress e Van Leeuwen, 2001).

Palavras-chave: discurso jornalístico; argumentação; discurso e poder; multimodalidade.

1. Considerações iniciais

Partimos do pressuposto de que as relações entre sujeitos e o mundo são mediadas pelas linguagens – a verbal e as não-verbais. Nas práticas discursivas, atualmente, caracterizadas pela multimodalidade (Kress e Van Leeuwen, 2001), interpretamos, (re)construímos e (re)categorizamos o mundo empírico também no diálogo estabelecido entre nossos discursos e os outros, que circulam na sociedade, situados em específicas condições de produção e afetados pela ideologia.

Nos discursos jornalísticos, não ocorre de maneira diferente. Nessas práticas da linguagem, é possível observar tanto a presença explícita de afirmações de personalidades públicas, de especialistas, entre outros, quanto o diálogo – sincrônico e diacrônico (Brandão, 1997) – estabelecido entre notícias ou entre estas e outros dizeres presentes nos gêneros discursivos, que circulam nas esferas da comunicação humana.

Dessa maneira, nos discursos jornalísticos, estão presentes formulações já enunciadas que, por sua vez, serão repetidas e inseridas em novos contextos sócio-históricos, ideológicos e linguísticos; os enunciados recuperados são sempre atualizados e podem ser aceitos, negados ou ironizados pelos sujeitos-enunciadores, num diálogo entre o novo e o já-dito. Esse posicionamento corrobora a afirmação de Gregolin (2000, p.25) de que “nos textos da mídia – teia onde se cruzam textos e discursos – os sentidos só podem ser captados na heterogeneidade”.

A autora (op. cit.) também afirma que a aparente instantaneidade produzida pelos discursos midiáticos, por meio da mobilização de diversas linguagens, pode criar a ilusão do *fluir* histórico, em que o leitor é interpelado a interpretar a notícia como se o fato narrado estivesse ocorrendo diante de seus olhos, ocorrendo, assim, o efeito de se estar acompanhando a história em curso.

Se por um lado, determinados acontecimentos são recortados e narrados pela mídia de maneira recorrente numa linha de tempo, criando homogeneização de sentidos, por outro, certos fatos e recortes são omitidos ou não-enfatizados. Com este último procedimento, pode-se gerar apagamento, esquecimento na memória discursiva (Maingueneau, 1993); o silêncio, o não-dito, assim, é significativo para os efeitos de sentido dos discursos midiáticos.

Nesse viés, torna-se importante, ao analisar as práticas languageiras da mídia na internet, levar em conta a ênfase dada a alguns acontecimentos ou a certos recortes, pois a reiteração sincrônica e diacrônica de alguns relatos apresentados pelos jornais e o modo como

se relata – pelas seleções linguísticas, pela escolha de informações e pela organização discursiva aliadas ao formato das novas tecnologias e às características peculiares do momento da prática discursiva – possibilitam construções de representações sociais (Hall, [1997] 2003), de categorias avaliativas, que podem orientar argumentativamente.

A respeito da orientação argumentativa também presente nos discursos jornalísticos, salientamos que estes, quando legitimados por uma instituição, enquadram-se no poder dizer e revestem-se de efeito de verdade, o qual consiste em um fator importantíssimo no que se refere à argumentação, pois o que é visto como plausível/provável de ser aceito corresponde a um significativo objeto de acordo (Perelman e Olbrechts-Tyteca, [1958] 2002).

Além disso, ressaltamos que a verossimilhança produzida nas notícias ganha força, quando aliada à imagem de imparcialidade/neutralidade, por vezes, construída pelo jornalismo. Tal efeito está diretamente relacionado a um dos papéis sociais do discurso midiático: o de formar/reforçar opiniões específicas. Essa atividade de obter adesão a um ideia faz com que a voz midiática exerça controle e assuma poder na “Ordem do Discurso” (Foucault, [1971] 2007).

A partir desses pressupostos, neste trabalho, observamos a maneira como o discurso jornalístico, na internet, pode construir categorias avaliativas e orientar argumentativamente. Para tal propósito, analisamos notícias da Folha de São Paulo Mundo e do Estadão Internacional, ocorridas no primeiro semestre de 2010. Em específico, examinamos a manchete, o *lead* e as fotos, uma vez que essas primeiras informações permitem uma leitura rápida e consistem em um momento importantíssimo para a argumentação – o exórdio – no qual se torna possível aproximar e/ou chamar a atenção do público (Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002), orientando-o argumentativamente

Como tema central dos jornais, selecionamos situações ligadas às negociações e ao acordo nuclear entre Irã, Turquia e Brasil. Esse acontecimento ocupou lugar de destaque na mídia, nacional e internacional, tendo em vista os interlocutores envolvidos diretamente – Estados Unidos, Brasil, Irã e Turquia – e as características político-econômico-sociais, que englobam questões internacionais, como a paz e a segurança, e os específicos posicionamentos dessas nações em relação a essas negociações.

Para os objetivos apresentados, julgamos também necessário observar um *corpus* complementar constituído por notícias a respeito do Irã veiculadas na internet, anteriormente e concomitantemente, ao período em que apareceram os relatos sobre o acordo entre Brasil e Irã. Acreditamos que essa análise contribui para o exame das atuais representações, seus efeitos de sentido e suas orientações argumentativas.

2. Discurso jornalístico na internet

Embora o discurso jornalístico se imponha como homogêneo, podemos afirmar que ele é constitutivamente heterogêneo, já que retoma afirmações de outros sujeitos ou de outras notícias, ora de modo explícito, citando nomes e/ou indicando aspas – heterogeneidade mostrada (Authier-Revuz, 1998) –, ora de maneira implícita – heterogeneidade constitutiva (op. cit.).

Como também, na mídia, o sujeito-enunciador apresenta-se como consciente de sua produção. Nessas práticas, busca-se o efeito de imparcialidade e o de realidade, de verdade, dado ao que se relata. Esses efeitos são alcançados, entre outros fatores, pelas normas encontradas nos manuais das empresas de comunicação, que criam regras para que haja unicidade, juntamente à diagramação, à seleção de imagens, etc. Esses elementos ajudam a enfatizar, junto ao público, uma imagem de estabilidade, de credibilidade e de transparência (Carmagnani, 1996).

Tal procedimento deve-se ao fato de a linha editorial ser construída para atender a expectativa de seu público em relação ao tratamento da notícia. É por essa razão que as imagens pressupostas são levadas em consideração, pois é fundamental o leitor ter confiança na mídia e interesse pelas informações divulgadas, na internet, para que ele assine e/ou acesse e leia o jornal; uma vez que a audiência desejada é alcançada, a legitimação dessa mídia é reforçada.

Em relação, especificamente, ao jornalismo *online*, uma novidade refere-se à rapidez das informações. Atualmente, podemos observar a atualização de notícias de minuto em minuto, acompanhadas de imagens, vídeos, sons. Com isso, a ilusão do *fluir* histórico, em que se cria o efeito de o leitor estar acompanhando a história em curso (Gregolim, 2000), é ampliada nos jornais da internet.

Além disso, há outras peculiaridades no jornalismo *online*. De acordo com Snyder (1996), com o banco de dados, tornou-se possível ler e imprimir notícias publicadas anteriormente a então data de acesso. Ainda conforme a autora, ocorreram modificações em relação a nossa noção convencional e linear de texto e as nossas expectativas a ela associadas. Em outras palavras, na internet, a informação não se apresenta de modo linear (de cima para baixo, da esquerda à direita), fazendo com que haja mais de uma ordem de leitura.

Assim, a sensação de poder interagir de sua própria maneira faz com que o público tenha a impressão de estar participando do jornal, colaborando para que haja aproximação entre essa mídia e o leitor. Tal efeito corresponde a um fator importantíssimo para a argumentação, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002), já que se torna possível também criar identificação com o público e, consecutivamente, orientá-lo a ver uma situação de certa maneira.

Embora haja várias peculiaridades no jornalismo *online*, o fato é que várias técnicas utilizadas na mídia impressa foram mantidas, como, por exemplo, o *lead*. Este possibilita ao leitor se informar sobre a notícia sem precisar lê-la por completo. Ferrari (2004) afirma que essa parte horizontal da Pirâmide Invertida (*lead*) colabora para uma leitura rápida. Isto acontece tanto na mídia impressa, quanto na digital.

Julgamos importante também salientar o papel da parte inicial da notícia (Manchete, *Lead*, fotografia) para a argumentação. O primeiro contato com o público, denominado exórdio, amplamente estudado por Arístóteles, Cícero, Quintiliano e, mais recentemente, Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002), foi apontado como importante momento em que a atitude linguageira pode aproximar o público, ou seja, despertar sua atenção, seu interesse, o que colabora também para as questões comerciais dos jornais.

Por tudo o que se expôs sobre o discurso jornalístico *online*, podemos observar que cada suporte midiático comporta especificidades. Entre elas, dedicamo-nos, a seguir, a um fator importantíssimo dessa atual mídia: a multimodalidade.

2.1 Discursos multimodais no jornalismo *online*

Como vimos, na atualidade, os discursos jornalísticos incorporaram-se às novas mídias digitais. Esses meios possibilitaram maneiras diferentes de ver e de construir o mundo na e pela linguagem, fazendo com que o diálogo entre jornal-informação-leitor se alterasse, uma vez que os novos recursos disponíveis nesses espaços permitiram comportamentos diferenciados dos tradicionais (relação mídia impressa e leitor).

Carmagnani (2007) afirma que, ao analisarmos a mídia na atualidade – impressa, digital, televisa – torna-se importante levarmos em conta os variados recursos mobilizados nessas situações interativas, como: fotografias, cores, sons, vídeos, tamanhos e tipos de letras,

espaços em branco em contraste com as manchas, etc. Estes elementos são, recorrentemente, explorados para relatar acontecimentos, contar histórias, entre outros.

Nesse viés, de acordo com Kress e Van Leeuwen (2001) – que elaboraram uma teoria relacionada às práticas semióticas da contemporaneidade – atualmente, cada vez mais, a multimodalidade está presente na mídia e em outros contextos sociais (universidades, corporações, etc.). Esses autores apresentam a noção de texto como a articulação de vários sistemas dotados de significação disponíveis em um determinado meio, como na internet, em que é possível a associação entre o verbal e o não-verbal (vídeos, cores, entre outros), ou seja, para esses estudiosos, texto caracteriza-se por ser uma organização visual, na qual se mobilizam diversos tipos de linguagem.

A partir dessa concepção de texto, Kress e Van Leeuwen (2001) afirmam que há três fatores interligados, que podem resultar em efeitos de sentido. Sobre o primeiro fator, os autores ressaltam a possibilidade de se valorizar uma determinada informação, a partir do lugar onde ela é apresentada na página (parte superior ou inferior, lado esquerdo ou direito, etc.). O segundo refere-se à saliência dada a uma parte do texto, quando esta é apresentada no plano principal e/ou com letras maiores e cores chamativas. Por último, os autores mencionam a moldura, ou seja, a existência ou não de linhas, que dividem ou conectam elementos do texto.

De maneira geral, é na relação estabelecida entre esses três fatores (valorização, saliência e moldura) que sentidos podem ser construídos, ou seja, conforme o tratamento dado às notícias *online*, há possibilidade de se encaminhar maneiras específicas de ver certos acontecimentos, de julgá-los e de impor sobre eles um olhar disciplinador.

3.0 Categorizações argumentativas na mídia: um olhar disciplinador

No e pelo discurso, criam-se categorias repletas de juízos de valor reconhecidos como positivos ou negativos conforme fatores culturais, ideológicos, históricos e sociais. Levando-se em consideração o fato de as práticas da linguagem serem reguladas, selecionadas, organizadas e redistribuídas na sociedade, conforme ressaltado por Foucault ([1971] 2007), podemos afirmar que as categorizações discursivas são constituídas dentro de um sistema, em que o poder exerce papel fundamental.

Nesse viés, nas atividades linguageiras, operam procedimentos de controle e de limitações, que não só legitimam discursos e rejeitam outros, mas também os reconhecem como verdadeiros ou falsos. Aproximamos esses fatores à noção de argumento de autoridade apresentada por Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002), relacionando-a aos discursos jornalísticos, em específico, à notícia. Se há na sociedade discursos que se enquadram no poder dizer, eles, quando retomados – por meio de citações, fotos, vídeos – podem ajudar na construção de efeitos de verdade, já que a presença do sujeito legitimado (que detém autoridade para explicar sobre um tema) poderá reforçar e, também, legitimar a afirmação apresentada pelo jornal.

Assim, os discursos, quando legitimados, exercem controle e poder na sociedade (Foucault ([1975] 1997). Caso certas imposições não sejam obedecidas, o sujeito avaliado será desqualificado e, consecutivamente, penalizado e punido. A respeito destas punições, há um sistema duplo (gratificação-sanção), em que aparelhos disciplinares hierarquizam comportamentos e desempenhos a partir de valores tidos como antagônicos (“o bem e o mal”), de modo a avaliar os sujeitos e a sancioná-los. Quem está sob julgamento já conhece as possíveis penalidades, pois estas se encontram nas regras estabelecidas socialmente.

Nesse sentido, é possível pensar as práticas discursivas jornalísticas em termos de um jogo, no qual o olhar do público sobre o mundo é mediado pelo do enunciador-jornalista

legitimado por um dispositivo de controle. Tal circunstância permite, então, que o leitor interprete certo acontecimento de modo direcionado, conforme o tratamento dado ao que foi relatado. Assim, o que é evidenciado ou apagado nas notícias, de maneira sincrônica e/ou diacrônica (Brandão, 1997), torna-se relevante para a construção de categorias argumentativas, as quais, por vezes, estão diretamente ligadas à punição, à desqualificação.

Relacionamos essa afirmação sobre o que é selecionado e apresentado ao público nas notícias à afirmação de Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958], 2002, p. 132), que observam esse procedimento como essencial para a argumentação, dado o efeito de presença resultante dessas escolhas linguísticas:

O fato de selecionar certos elementos e de apresentá-los ao auditório já implica a importância e a pertinência deles no debate. Isso porque semelhante escolha confere a esses elementos uma *presença*, que é um fator essencial à argumentação.¹

Se certas seleções ocorrem de maneira recorrente, torna-se possível construir uma imagem a respeito de um grupo ou de uma sociedade de modo fixo. No caso das notícias, a reiteração de determinados fragmentos de um acontecimento consistem em procedimentos denominados, por Hall ([1997] 2003), “Práticas Representacionais”. Para o autor, nessas representações, a recorrência de certos recortes possibilita uma delimitação no potencial de pluralidade de sentido dos enunciados. Geralmente, o diferente (ele *vs.* nós), é exposto a partir de uma representação binária (bom *vs.* mau, primitivo *vs.* civilizado, etc.); salientamos que essas categorias são construídas na e pela linguagem e implicam juízos de valor.

Assim, em uma determinada cultura de um momento histórico, podemos observar práticas representacionais similares, que podem apresentar algumas variações. Com esse procedimento, criam-se estereótipos – representações que reduzem pessoas, ou grupos, a um conjunto mínimo de características, as quais são construídas como fixas por natureza.

4.0 Características sócio-históricas e análise complementar

A partir dos pressupostos apresentados, procedemos à análise das categorias avaliativas constituídas no discurso jornalístico. Conforme já mencionamos, julgamos significativo, primeiramente, observar as características sócio-históricas, que englobam o *corpus* selecionado e, também, analisar algumas representações do Irã construídas pela mídia anteriormente, e concomitantemente, às notícias sobre as negociações e o acordo estabelecidos entre esse país, a Turquia e o Brasil.

É fato que, desde o século XX, ao se falar sobre o Irã, é comum, por parte da mídia e até mesmo de materiais didáticos, a relevância dada às questões sobre guerras e a respeito de ataques terroristas, em que o país esteve envolvido.

Além da Guerra do Golfo (década de 80, século XX), conflito entre Irã e Iraque, posteriormente, em 2002, ocorreu outro acontecimento marcante: o ataque contra os EUA, em 11 de setembro. Devido a esse ocorrido, o então presidente americano George W. Bush incluiu o Irã no denominado “Eixo do Mal”, acusando o país de produzir armas nucleares. Os países mencionados por Bush, apontados como ameaças globais e intitulados “Estados Vilões”, foram: Irã, Coreia do Norte e Iraque. Estes foram acusados de investirem em armas de destruição de grande impacto.

¹ Grifos dos autores.

Sobre isso, até hoje é possível observar a retomada da nomeação “Eixo do Mal” dada por Bush, como outras categorizações similares, nas manchetes dos discursos jornalísticos. Vejamos algumas:

(1) 08 de setembro de 2006 – Folha Mundo

Cinco anos depois de 11/9, EUA mantêm "guerra" contra o terror

(2) 26 de junho de 2008 – Folha Mundo

EUA vão suspender sanções e tirar Coreia do Norte de "eixo do mal", diz Bush

(3) 24 de setembro de 2009 – Estadão Internacional

EUA podem tirar Coreia do Norte do 'eixo do mal' neste sábado

(4) 12 de maio de 2010 – Estadão Internacional

Coreia do Norte, Síria e Irã formam o novo 'eixo do mal', diz Israel

Chanceler do Estado judeu diz que países fabricam e compartilham armas de destruição em massa

(5) 12 de maio de 2010 – Estadão Internacional

Israel põe Irã, Síria e Coreia do Norte no 'eixo do mal'

A presença recorrente, diacrônica, da categorização feita pelo ex-presidente americano, indicada sempre com aspas (efeito de distanciamento), contribui para construir uma representação do Irã como um país associado a valores extremamente negativos, o qual deve ser combatido, já que é levado aos leitores este recorte: o Irã incluído no grupo do mal.

Ainda é significativo observar que os países Coreia do Norte, Irã e Israel são, conjuntamente, incluídos nessa categoria avaliativa, de modo a serem construídos como um só grupo. Essa categorização é reforçada a partir de outras, como a do grupo do terror (“... EUA mantêm guerra contra o terror”, exemplo 1).

É significativo observar que esses países são sancionados, incluídos ou retirados do grupo do “Eixo do Mal” por aqueles que podem dizer e julgar, cujas vozes são ouvidas e divulgadas: “EUA podem tirar Coreia do Norte do 'eixo do mal' neste sábado”; EUA vão suspender sanções e tirar Coreia do Norte do "eixo do mal", diz Bush” (exemplos 2 e 3).

Outro fato importante consiste nas sanções apresentadas pelos Estados Unidos a ONU contra o programa nuclear iraniano (iniciado em 2002). O Irã afirmava que o projeto atômico era de acordo com as leis e tinha por finalidade a produção de eletricidade. Essas afirmações não foram vistas como verdadeiras e o resultado, logo, foi a aprovação de uma terceira rodada de sanções, entre elas: a proibição de viagens internacionais para cinco autoridades iranianas; o congelamento de ativos financeiros, no exterior, de treze companhias e de treze autoridades do Irã; o veto de itens duplos, pois poderiam ser utilizados para fins não-pacíficos.

O conflito sobre a questão nuclear fortifica-se a partir da eleição de Mahmoud Ahmadinejad, em 2005. Discursos polêmicos do presidente iraniano – como o questionamento do Holocausto – foram destaques na mídia. Vejamos algumas manchetes sobre o Irã e seu presidente, na Folha Mundo (*online*):

(6) 14 de agosto de 2009 – Folha Mundo

ONU pede ajuda internacional para investigar torturas em prisão do Irã

(7) 07 de setembro de 2009 – Folha Mundo

Irã é problema do mundo todo, diz presidente de Israel

(8) 05 de janeiro de 2010 – Folha Mundo

Irã faz nova ameaça de execução a manifestantes opositores

(9) 25 de janeiro de 2010 – Folha Mundo

Irã inaugura em fevereiro projeto de mísseis e arma

(10) 03 de fevereiro de 2010 – Folha Mundo

Após lançar foguete, Ahmadinejad fala em derrotar domínio científico ocidental



Figura 01. Legenda: Presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, observa foguete que levou satélite nacional ao espaço

Nessas manchetes, podemos observar que os recortes evidenciados sobre o governo iraniano referem-se à violência, ao autoritarismo (torturas e execuções, exemplos 6 e 8) e, assim, à crescente ameaça à paz, já que é dito que o país está se fortalecendo com armas e mísseis. Tal procedimento mantém as representações do Irã da época do governo Bush, analisadas anteriormente.

Esse efeito de sentido também pode ser examinado pela organização discursiva, ou seja, pelas primeiras informações apresentadas nas manchetes, as quais indicam e reforçam as características negativas e categorizadoras privilegiadas nas notícias observadas: “Irã é problema” (exemplo 7), “Irã faz nova ameaça de execução” (exemplo 8), “Após lançar foguete, Ahmadinejad” (exemplo 10).

O recorte e o enfoque dado à ameaça à paz também estão presentes na linguagem não-verbal. Na foto (Fig. 01), também é possível examinar o destaque dado ao foguete, tanto pelo tamanho que ele ocupa na imagem e por sua disposição – parte superior, da esquerda para direita (leitura tradicional) –, quanto pela iluminação, que enfatiza o objeto em questão.

O presidente, por sua vez, está apontando para o foguete e ocupando também lugar de destaque em relação ao grupo presente à direita da imagem. Sobre essa organização de informações apresentada na foto, podemos considerar que ela reforça a ideia da qual Ahmadinejad lidera a situação enunciada.

Como também, em (10), o fato de a manchete (“Após lançar foguete, Ahmadinejad fala em derrotar domínio científico ocidental”) retomar um discurso de Ahmadinejad, que vai ao encontro do estereótipo construído do Irã como terrorista e perigoso, mais especificamente de seus líderes, corrobora o pressuposto de que há similaridades no tratamento das notícias, pois essas seleções, como as anteriores, propiciam uma orientação argumentativa a qual o Irã consiste em uma ameaça para o ocidente.

Uma vez que, com a internet, tornou-se possível ler e imprimir notícias publicadas anteriormente a então data de acesso (Snyder, 1996), essas representações do Irã estarão sempre presentes e dialogarão com outras notícias atuais. Para que isso ocorra, basta que o internauta acesse o banco de dados do jornal.

A respeito disso, ao buscar informações sobre o Irã, no Estadão *online*, deparamo-nos com a seguinte organização:

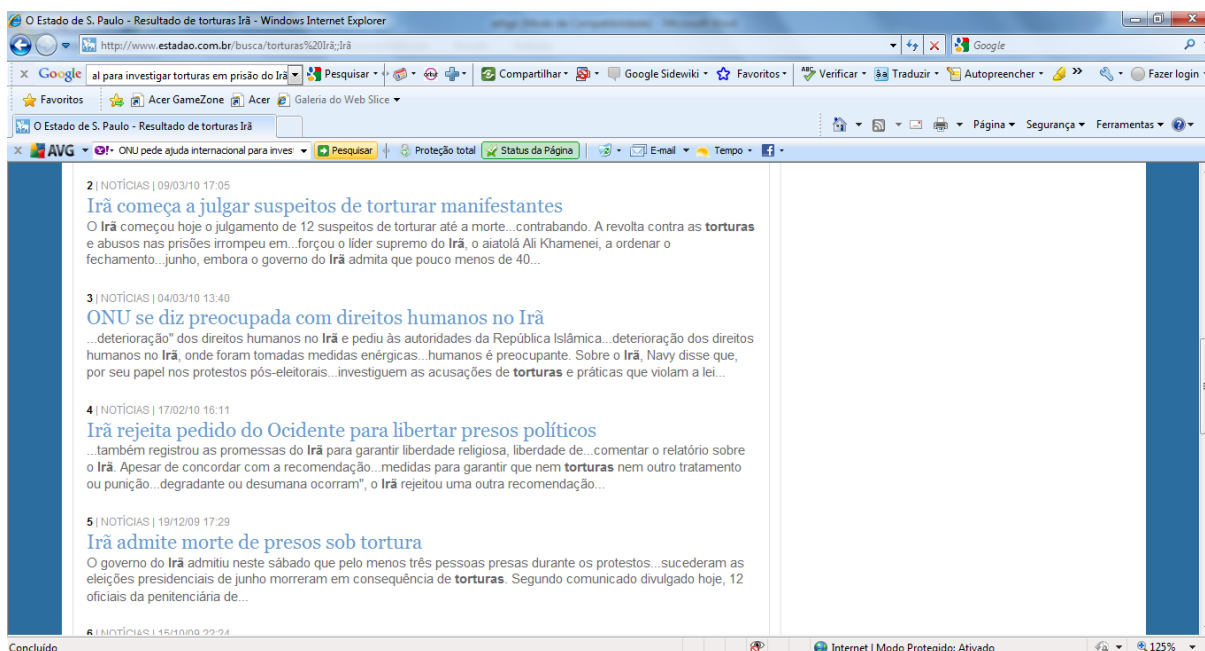


Figura 02. Notícias relacionadas ao Irã do banco de dados do Estadão *Online*

Conforme os pressupostos de Kress e Van Leeuwen (2001), nessa página, a organização visual possibilita a articulação de várias notícias que, novamente, enfocam questões sobre violência e torturas: “Irã começa a julgar suspeitos de torturar manifestantes”, “ONU se diz preocupada com direitos humanos no Irã”, “Irã rejeita pedido do Ocidente para libertar presos políticos”, “Irã admite morte de presos sob torturas”; mais uma vez, pois, é possível observar similaridades nas seleções de informações sobre esse país, nos dois jornais. Possivelmente, essas representações são significativas para a construção de efeitos de sentido no que diz respeito a opiniões sobre o acordo nuclear iraniano, uma vez que a mídia constrói opinião ou a reforça.

5.0 Análise do *corpus*

Observamos as categorizações discursivo-argumentativas da diplomacia do ex-presidente da República Lula nas manchetes das notícias dos jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo, cujo tema versou sobre as situações relacionadas às mediações feitas pelo governo brasileiro no acordo nuclear iraniano, ocorridas no primeiro semestre de 2010.

Primeiramente, examinamos uma manchete a respeito da visita do presidente iraniano à Brasília que foi capa tanto do jornal impresso quanto do *online* da Folha de São Paulo:

(11) 24 de novembro de 2009 – Folha de São Paulo Impressa e *Online* – Capa

Lula defende programa nuclear do Irã



Figura 03. Legenda: à esquerda, manifestantes com a bandeira do Irã, em Brasília, saúdam a visita de Ahmadinejad, à direita, bandeira de Israel em protesto contra a visita, em Porto Alegre.

Em (11), na manchete, o enunciado refere-se especificamente ao ex-presidente Lula e ao seu posicionamento (defensor) a respeito do programa nuclear do Irã. Já na foto selecionada (figura 3), o enfoque foi dado às manifestações, que ocorreram em Brasília e em Porto Alegre por conta da presença de Mahmoud Ahmadinejad.

Sobre esse procedimento, retomamos novamente a noção de texto de Kress e Van Leeuwen (2001) como organização visual (mobilização da linguagem verbal e não-verbal) e dos três fatores estudados por esses autores (valorização, saliência e moldura), que podem resultar em efeitos de sentido. Em (11), a articulação entre a informação do enunciado e da imagem permite-nos observar que, embora a notícia omita opinião sobre os diálogos estabelecidos entre Brasil e Irã, a associação entre a manchete e a foto apresentada indica a existência de pontos de vista divergentes sobre a questão (a visita Mahmoud Ahmadinejad e o posicionamento de Lula).

Nesse sentido, na foto, dá-se saliência às bandeiras do Irã e, principalmente, de Israel. Como também, os sujeitos representantes de cada nação são separados por uma linha vertical e colocados frente a frente, como em um confronto, tornando-se, assim, possível fazer referência ao conflito já existente entre os dois países (Irã e Israel).

Dessa maneira, são evidenciadas, na primeira parte da notícia (manchete, foto e legenda), as consequências negativas do posicionamento de Lula em relação ao programa nuclear do Irã e da atitude do ex-presidente de receber Mahmoud Ahmadinejad. Em (11), pois, a foto pode apresentar a opinião, que o enunciado omite.

É importante observar que dois dias antes dessa notícia, o jornal apresentou uma manchete que também evidenciava críticas, por parte de alguns brasileiros, a Lula e à visita do presidente iraniano:

(12) 22 de novembro de 2010 – Folha Mundo

Manifestantes no Rio de Janeiro rejeitam visita de Ahmadinejad e criticam Lula

Nesse viés, outras manchetes dos dois jornais enunciavam descrença no que dizia respeito à mediação feita por Lula no acordo nuclear iraniano:

(13) 14 de maio de 2010 – Folha Mundo

Brasil enfrenta “montanha” a ser escalada em acordo com o Irã, diz Hillary

(14) 18 de maio 2010 – Estadão Internacional

Mundo recebe com ceticismo acordo mediado por Brasil e Turquia com Irã

(15) 24 de maio 2010 – Estadão Internacional

Acordo nuclear com Irã é tecnicamente impossível, dizem especialistas

Irã quer que o combustível seja produzido em um ano, mas isso levaria pelo menos um ano e meio

O fato de o Brasil participar como mediador nas questões nucleares pode ser considerado como uma atitude que foge à regra, ou seja, uma postura inadequada dentro dos regulamentos presentes em espaços de discussão política no campo internacional.

Dessa maneira, o poder dizer e o poder fazer de Lula são questionados. Isso pode ser observado no exemplo 14, quando se afirma que o “mundo” não acredita no acordo mediado pelo governo brasileiro. Essa generalização fortalece a ideia de descrédito, juntamente à presença de vozes autorizadas, como as de especialistas (15), que consistem em argumentos de autoridade. Estes podem colaborar para os efeitos de verdade do discurso, conforme afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002) e, consecutivamente, legitimar o que foi enunciado pelo jornal em (14).

A respeito desse procedimento de desvalorizar o acordo nuclear, conforme já discutimos, há, na sociedade, procedimentos de controle e de limitações que legitimam ou rejeitam discursos, reconhecendo-os como verdadeiros ou falsos, conforme ressalta Foucault ([1975] 1997). No caso do Irã, nas manchetes observadas, também há descrédito em relação às afirmações feitas pelo país, que diz não ter intenção de construir armas de grandes impactos. Esse julgamento aparece tanto pela seleção e apresentação de vozes (exemplos 13 e 14), quanto pelas representações recorrentes do Irã, na mídia, observadas no subitem 4.0 deste trabalho.

Como também, ainda de acordo com Foucault ([1975] 1997), numa sociedade disciplinar, os sujeitos que fogem à regra, geralmente, são desqualificados. É possível também examinar esse procedimento nas seguintes notícias sobre Lula e seu governo:

(16) 17 de maio de 2010 – Folha Mundo

Governo francês teme que Irã “engane” Lula em visita

(17) 26 de maio de 2010 – Folha Mundo

Escritor Vargas Llosa chama política externa de Lula de irresponsável

(18) 28 de maio de 2010 – Estadão Internacional

Hillary vê 'problemas' com Brasil e diz que pacto com Irã deixa mundo perigoso

(19) 28 de maio de 2010 – Estadão Internacional

Lula desconsidera as consequências de sua diplomacia

Nesses segmentos, embora se crie o efeito de distanciamento do enunciador de modo a contribuir para o de imparcialidade e o de neutralidade, próprios do gênero discursivo notícia, como discutimos anteriormente, são evidentes as avaliações apresentadas. O que ocorre é que os jornais não assumem um posicionamento diretamente, mas sim privilegiam um por meio da seleção e da apresentação de falares autorizados, cujas opiniões, novamente, desqualificam as atitudes de Lula e de seu governo.

Nessas manchetes, Lula é categorizado como irresponsável, inconsequente e ingênuo, características extremamente negativas, se pensarmos no papel social que ele exercia: o de presidente da República.

É interessante observar que, em (18) e (19), as duas notícias ocorreram no mesmo dia e, de certa maneira, complementaram-se, já que a primeira referiu-se à afirmação de Hillary de que o mundo ficaria mais perigoso com o acordo nuclear, e a segunda enunciou a inconsequência da diplomacia de Lula (relação causa e consequência que pode consistir em uma técnica argumentativa, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca, [1958] 2002).

De maneira geral, os diálogos estabelecidos pelo já-dito (representações do Irã como país perigoso, terrorista, etc.) de maneira recorrente, em uma linha de tempo, e o novo (acordo entre Brasil, Turquia e Irã), afetados por fatores ideológicos, possibilitam a construção de categorias avaliativas de Lula e de seu então governo, privilegiando sentidos, que podem orientar argumentativamente.

6.0 Considerações Finais

Pudemos observar pelas análises o olhar disciplinador da mídia, que julga, qualifica ou desqualifica e (re) categoriza, no e pelo discurso, levando-se em conta sua “verdade”.

Nas notícias analisadas, o enfoque dado, de modo recorrente, consistiu na avaliação, no julgamento e na desqualificação da atitude de Lula em relação à participação do Brasil no acordo nuclear iraniano, categorizando o ex-presidente como irresponsável, ingênuo e inconsequente, distanciando-o, pois, das qualificações que se espera de um chefe de governo.

Os efeitos de verdade desses discursos jornalísticos foram reforçados pela retomada de enunciados, cujos pontos de vista corroboram essa ideia de atitude inadequada do ex-presidente do Brasil, não legitimada por esse dispositivo de poder que, como pudemos observar, também está presente em espaços de discussão política na esfera internacional.

7.0 Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Tradução de Pfeiffer, C.R. e outros. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

BRANDÃO, H. H. N. *Subjetividade, argumentação e polifonia*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

CARMAGNANI, A.M.G. *A Argumentação e o Discurso Jornalístico: A Questão da Heterogeneidade em jornais ingleses e brasileiros*. Tese de doutorado. São Paulo: Pontífica Universidade de São Paulo, 1996.

_____. Multimodalidade e Mídia. *Anais do II Simpósio de Análise crítica do Discurso e VIII Encontro Nacional de Interação de Linguagem Verbal e Não-Verbal*, São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdades de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2008. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/Artigo_Anna_Maria_Grammatico_Carmagnani.pdf. Acesso em: 15 jul. 2010.

FERRARI, P. *Jornalismo Digital*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FOUCAULT, M. (1971). *A Ordem do Discurso*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

GREGOLIN, M. do R. V. Recitações de Mitos: A História na Lente da Mídia. In: GREGOLIN, M. do R. V. (Org.). *Filigranas do Discurso: As Vozes da História*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2000.

HALL, S. (1997). *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. Londres: SAGE Publications, 2003.

KRESS, G; Van Leeuwen, T. *Multimodal Discourse – The modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. (1958). *Tratado da argumentação. A Nova Retórica*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SNYDER, I. *Hipertext: The electronic labyrinth*. Victoria: Melbourne University Press, 1996.